

Roberto Segre, o Ministério da Educação e o Mundo

Gustavo Rocha-Peixoto

Anat Falbel

ROCHA-PEIXOTO, G.; FALBEL, A. Roberto Segre, o Ministério da Educação e o mundo. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 112-118, jan/jun. 2016

Gustavo Rocha-Peixoto, professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro; graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFRJ 1980); especialista em filosofia (UFRJ 1985); mestre em Arquitetura (UFRJ 1995); doutor em História Social (UFRJ 2004); pós-doutoramento (University of Pennsylvania - 2014). Tem experiência profissional na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Urbanismo, e Preservação e pesquisa do Patrimônio Cultural. Atua principalmente nos temas: pensamento, história e crítica da arquitetura e da cidade, arquitetura e urbanismo no rio de janeiro, patrimônio cultural, restauração arquitetônica. Entre 2006 e abril de 2010 foi o diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo entre 2010-2012. Entre 2013 e 2014 Visiting scholar na Universidade da Pensilvânia - EUA. Pesquisador subsidiado pela Fundação CAPES, Ministério da Educação, Brasil.

Anat Falbel, possui graduação em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1982), doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003), e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (2010). Atualmente é pesquisadora colaboradora da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, imigração, historiografia, arquitetura sinagoga, e as relações entre arquitetura e fotografia.

Roberto Segre considerava que seu último livro "*Ministério da Educação e Saúde. Ícone Urbano da Modernidade Brasileira*" seria sua mais importante contribuição para a historiografia da arquitetura. Ele não chegou a ver pronto o grande volume de 554 páginas que foi lançado pela editora Romano Guerra em 2013 poucas semanas depois do inesperado falecimento de Segre – aos 78 anos de idade – em acidente de trânsito.

Rapidamente o livro foi aclamado como a mais importante produção teórica do ano pelo Instituto de Arquitetos do Brasil-RJ. No ano seguinte foi consagrado com prêmio do júri do prestigioso **Comité International des Critiques d'Architecture – CICA**. Também em 2014 mereceu a mais respeitável premiação editorial brasileira – o Prêmio Jabuti – concedido in memoriam na categoria arquitetura e urbanismo pela Câmara Brasileira do Livro. E o ano não terminaria sem que lhe fosse ainda concedido o **Prêmio ANPARQ** de melhor livro autoral.

Com certeza essa série de prêmios dados ao livro contém um tributo ao grande historiador e crítico; ao professor e jornalista em reconhecimento pelo conjunto de sua obra. Mas as homenagens tão honrosas consagram especialmente o livro excepcional.

A novidade não está em explorar um tema novo. Ao contrário, trata-se do edifício mais estudado, publicado e aludido da arquitetura brasileira. Desde as grandes sínteses da arquitetura do Brasil e as histórias mundiais da arquitetura moderna à literatura especialmente dedicada ao Ministério, o objeto não é absolutamente inédito. Escrever um livro sobre o MES significava realizar um projeto de grande envergadura que precisava controlar inteiramente tudo o que jamais fora escrito sobre ele e ainda inovar.

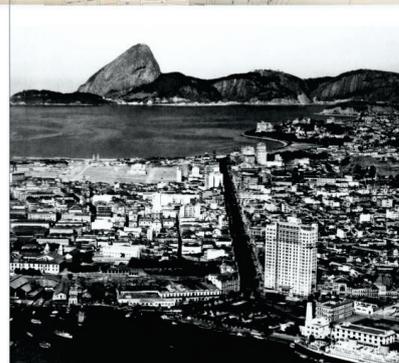


profundidade. Além dos edifícios comerciais, hotéis e sedes administrativas, foram projetadas edificações residenciais, o que possibilitou a vitalidade funcional no corredor do espaço público. No caso da Avenida Central, onde não foi permitido o uso residencial, o eixo viário se sobrepôs a uma divisão irregular de terrenos de pequenas propriedades, que determinou uma estrutura de tamanho desigual em relação aos espaços livres para os edifícios que emolduravam a avenida.

Não é, portanto, casual que o chamado conceito para configurar o marco arquitetônico não definisse obras concretas, mas principalmente o desenho de fachadas¹⁰, sendo destacada a consistência urbanística do conjunto e sua posterior conservação. Primeiramente, em 1925, surgiram os edifícios sobre a Praça Mauá e a Praça Mauá (Cineclube); depois, na segunda fase de modernização do Rio de Janeiro, a partir da década de 1930, caracterizada por uma forte rejeição à arquitetura eclética por parte das autoridades do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em particular por Lúcio Costa¹¹, aprovou-se a construção de torres de escritórios no eixo da avenida, antecipada já no final dos anos 1920 pela demolição dos modelos ecléticos: um dos primeiros na Praça Mauá foi a torre do jornal *A Noite*, de 22 andares, projetada em 1929 por Joseph Gué e Elliott de Cunha Buarque¹².

A construção do ciclo acadêmico, em substituição à herança portuguesa, teve dois momentos inteiros no primeiro quarto de século, iniciativas que se materializaram nas escolas urbanísticas e arquitetônicas: o conjunto de obras iniciado por Pereira Passos em 1902, e finalizado em 1910, e a eliminação do Morro do Castelo, iniciada pelo prefeito Carlos Sampaio entre 1920 e 1922, que liberou os terrenos necessários para a Exposição do Centenário da Independência¹³. Em termos estruturais, a Avenida Central, uma fessura na malha compacta do centro ao longo de 1.800 metros, constituiu o principal eixo viário que substituiu o colonial e passou ao Direto. Suas ramificações fortaleceram o sistema de praças, concebidas como centralidades funcionais diversificadas, que conformaram os principais espaços públicos urbanos: a Praça XV, face ao antigo Palácio Imperial; a Praça Tiradentes, que concentrou os primeiros teatros e cinematógrafos da cidade; a Praça da Independência (Campo de Santana).

Letras iguais não são
conector espaço est. La to
na sua existência não se trata
dona gabarim qui medietat



Letras iguais não são
conector espaço est. La to
na sua existência não se trata
dona gabarim qui medietat

Figura 1
páginas do livro. SEGRE, Roberto.
*Ministério da Educação e Saúde. Ícone
urbano da modernidade brasileira 1935-
1945.* São Paulo, Romano Guerra, 2013.

Desde a juventude Roberto Segre se consagrara como explorador de territórios. A partir de Havana levantou, sistematizou e divulgou a arquitetura moderna de Cuba, do Caribe, da América Latina. O objeto difuso de suas pesquisas era um continente inteiro. Então a escolha de um edifício singular como tema concentrado não era prática corriqueira no trabalho do historiador. Mas, de fato, desde a época em que se transferiu para o Brasil, em 1994, as pesquisas e escritos estavam sofrendo uma progressiva mudança de método. Pouco a pouco ele deixava a exclusividade do modo marxista clássico e admitia cada vez mais a vontade de aprofundamento. Os objetos passavam a se destacar mais e mais das estruturas interpretativas *a priori*. Ao vir para o Rio de Janeiro, Segre estava animado com as possibilidades de integrar a computação gráfica e a análise digital entre os instrumentos de compreensão crítica e de síntese histórica. O ambiente em torno do qual se integrou uma equipe de professores

e alunos de graduação e pós da Universidade Federal do Rio de Janeiro era o LAURD, Laboratório de Análise Urbana e Representação Digital que Segre coordenou no PROURB até morrer.

O LAURD ofereceu a ele material e pessoal para empreender estudos históricos auxiliados pela computação gráfica. O Brasil forneceu a possibilidade de incorporar a gráfica digital nas investigações da história da cidade e da arquitetura. Segre começou então a coordenar pesquisas com recorte mais pontual.

Um projeto de pesquisa iniciado pelo seu time no ano 2000 tinha o título *Ícones urbanos e arquitetônicos no Rio de Janeiro: contribuição aos sistemas simbólicos da cidade do Rio de Janeiro no século XX*. A pesquisa tinha como objetivo destacar poucos edifícios emblemáticos e desenvolver análise extensiva de história, teoria, projeto, estrutura, representação e, enfim, toda a complexidade do fenômeno arquitetural. Porém, passados 13 anos, o projeto permanecia concentrado em um único objeto – o edifício sede do antigo Ministério da Educação e Saúde. O recorte radical permitiu à equipe e ao seu líder desvendar em grande profundidade o complexo emaranhado de sentidos, símbolos, significados do MES.

Dois anos antes de sua publicação o projeto já era mencionado em um texto de caráter autobiográfico escrito por Segre, e publicado nos Cadernos PROARQ, que nos dá umas chaves importantes para entender arcabouço teórico do projeto e do livro. Efetivamente junto com o relato de sua contínua e profunda relação com a cultura arquitetônica italiana, Segre explicitava as fontes teóricas e metodológicas que marcaram a sua formação, apontando para aquelas de maior incidência sobre o seu derradeiro projeto de pesquisa:

a idéia [sic] que a história é um labirinto – Argan – cheio de interrogações que segundo Tafuri, devem ser reveladas. A concretização da tese de Joseph Quetglas – que uma obra pode apenas resumir uma história social, cultural e arquitetônica de um determinado período e de um país².

² *ibid*, p. 316

Com efeito, o vocabulário e as abordagens teóricas de Segre foram forjados ao longo de uma trajetória durante a qual ele operou tanto as expressões das grandes narrativas, como do reconhecimento das heterogeneidades dos processos de transferências culturais. Sempre atento aos movimentos e às nuances da arquitetura e sua crítica, ele absorveu e incorporou as

distintas formulações e posicionamentos de pelo menos três gerações de arquitetos, historiadores e críticos representadas aqui pelos nomes de Giulio Carlo Argan (1909-1992), Manfredo Tafuri (1935-1994) e Josep Quetglas (1946-).

A estrutura do livro revela um projeto ambicioso no que diz respeito às abordagens e às questões propostas pelo autor. Logo no primeiro capítulo, Segre justifica a sua abordagem historiográfica nos termos da micro-história defendida por Carlo Ginzburg³.

Especial energia foi dedicada aos significados metafóricos implícitos no edifício do MES e a sua presença na dinâmica da urbanística carioca. Eles foram analisados na conjuntura social, política e cultural dos anos 1930 e 1940⁴ e se beneficiaram da revisão mais recente da historiografia da arquitetura moderna brasileira nos anos 1990. Entre esses pontos de inflexão estavam levantamentos documentais pioneiros como o estudo realizado por Mauricio Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá, "Colunas da Educação"⁵, assim como os primeiros ensaios sobre a criação, a política cultural e os intelectuais que atuaram no organismo oficial responsável pelo patrimônio histórico e artístico nacional, o IPHAN⁶. Outras contribuições fundamentais pela divulgação de fontes primárias para o entendimento dos encontros entre a modernidade europeia e brasileira foram a publicação, datada ainda de 1987, da documentação relativa ao Brasil encontrada no arquivo da *Fondation Le Corbusier, Le Corbusier e o Brasil*⁷, seguida mais de dez anos depois (1998) pela edição coordenada por Yannis Tsiomis de *Le Corbusier Rio de Janeiro 1929 1936*⁸ que por sua vez incluía os projetos propostos pelo mestre em suas visitas de 1929 e 1936 a partir de simulações gráficas, metodologia semelhante àquela que seria utilizada posteriormente nos projetos coordenados por Segre no LAURD.

Nesse sentido, o novo livro pode ser entendido como uma grande síntese construída a partir das investigações que propuseram uma historiografia fundamentada em fontes documentais primárias. Ao mesmo tempo, os confrontos entre as vanguardas e o nacional, ou cosmopolitismo e localismo, ou ainda entre o internacionalismo e a pretendida independência cultural conforme a abordagem proposta por Segre permite inserir esta nova publicação entre os estudos mais recentes dedicados às "múltiplas modernidades"⁹ que se descortinaram no campo da arquitetura e do urbanismo durante o processo de descolonização no segundo pós guerra. Estes mesmos temas já tinham sido enfrentados por Segre em suas primeiras publicações quando ainda estabelecido em Buenos Aires e

³ Segre, Roberto *Ministério da Educação e Saúde. Ícone Urbano da Modernidade Brasileira*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2013, p. 42-43; 70

⁴ *ibid*, p. 42-43.

⁵ Lissovsky, Mauricio; Sá, Paulo Sérgio Moraes de *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: MEC/IPHAN/Fundação Getulio Vargas/CP-DOC/Edições do Patrimônio, 1996.

⁶ Sobre a criação e a política cultural do IPHAN, lembramos três autores, todos eles publicados pelo IPHAN: Lauro Cavalcanti *Modernistas na Repartição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-IPHAN, 1993; José Reginaldo Santos *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-IPHAN, 1996 (fruto do doutorado defendido pelo autor ainda em 1987 na Universidade de Virginia), e Maria Cecília Londres Fonseca *Os arquitetos da Memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)* (fruto de seu doutorado defendido na UFRJ em 1998).

⁷ Ver Santos, Cecilia R. dos; Pereira, Margareth C. da S.; Pereira, Romão V. da S.; Silva, Vasco C. da. *Le Corbusier e o Brasil* São Paulo: Tessela/Projeto, 1987.

⁸ Yannis Tsiomis ed. *Le Corbusier - Rio de Janeiro: 1929, 1936*. Paris: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.

⁹ Ver Eisenstadt, S. N. "Multiple Modernities" in *Daedalus*, v. 129, n. 1, 2000, p. 1-29; Therborn, Göran "Entangled Modernities", in *European Journal of Social Theory* 6 (3), 2003, p. 293-305.

Havana. Ele via que a América Latina era tratada como parte do assim chamado “Global South”, juntamente com a África, o Oriente Médio, e o subcontinente hindu¹⁰, apesar da precedência histórica dos rompimentos com os Impérios coloniais que os países da América Latina (e particularmente o Brasil) assistiram desde o início do século XIX.

¹⁰ Ver Ward, Stephen V. “Transnational Planners in a Postcolonial World” in *Crossing Borders. International exchange and planning practices*. Healey, Patsy; Upton, Robert ed., Londres: Routledge, 2010, p. 47-72.

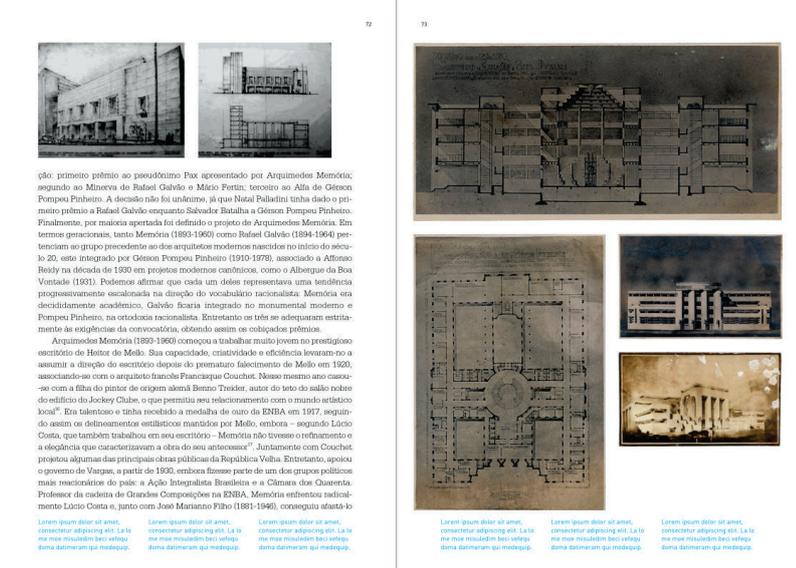


Figura 2 páginas do livro. SEGRE, Roberto. *Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira 1935-1945*. São Paulo, Romano Guerra, 2013.

O livro relata como, a partir do último quartel do **século XIX** vemos não somente a absorção, mas o surgimento mesmo, de uma articulação internacional de urbanistas e arquitetos modernos que atuaram no mundo pós-colonial por encomenda de instituições públicas ou privadas. O texto permite apreender o duplo impacto das praticas transnacionais que se apresentam nos papeis, métodos e instrumentos de desenho de arquitetos e urbanistas.¹¹

¹¹ Ver Casciato, Maristella; Avermaete Casablanca Chandigarh A Report on Modernization. Montreal: CCA- Park Books, 2014, p. 40.

O livro não apenas articula fontes documentais primárias, mas faz exaustiva análise historiográfica do edifício e – lançando mão de maquetes eletrônicas e outros recursos computacionais – integra novas possibilidades de interpretação daquele “ícone”. Não é que este seja o livro definitivo sobre o MES, mesmo porque isso é coisa que não pode existir sobre um edifício tão significativo e polêmico. Mas todos os meandros das visitas de Le Corbusier, do concurso de projetos para o edifício, das variantes de projeto até a versão final executada foram enumerados. O edifício permite a entender os processos **socioculturais** que lançaram a carreira de Oscar Niemeyer e determinaram a ‘vitória’ do movimento moderno e do grupo de arquitetos liderado por Lucio Costa.

A partir do edifício, o livro reinterpreta o Centro do Rio de Janeiro em sua multiplicidade urbanística. O

livro faz emergir do edifício a visão que desvela os conceitos de monumentalidade, leveza, transparência e fluidez que definirão, daí para a frente, a arquitetura moderna do Rio de Janeiro – senão de todo o Brasil. Mas a gráfica digital lança nova luz sobre a estrutura portante, sobre os sistemas e equipamentos, sobre os materiais e técnicas construtivas.

Figura 3
páginas do livro. SEGRE, Roberto. *Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira 1935-1945*. São Paulo, Romano Guerra, 2013.



O livro ainda desvenda o sistema de articulação e síntese das artes tão caro a Le Corbusier a partir da experiência no edifício. De fato o MES integrou expoentes da pintura, escultura, desenho, azulejaria, paisagismo, jardinismo, mobiliário fixo e móvel. Se tudo isso já não bastasse, Segre trata ainda o MES como patrimônio cultural submetido às sucessivas vicissitudes de sua história breve e intensa. O palácio concebido para ser ministério revolucionário – expressão artística de uma modernidade radical – logrou o sucesso improvável de se ver reproduzido ao ponto de determinar o anseio por uma nova capital. E essa transferência resultou – ao cabo – na supressão do status de ministério enquanto sua radicalidade urbanística era superada pela da nova Capital.

Se olharmos com atenção, veremos que *Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira* não é simplesmente um livro sobre um único edifício, mas um esforço de descobrir o mundo através de um ícone, isto é, de uma imagem representativa. Se na arte bizantina e russa os ícones são figuras do sagrado, Segre viu no objeto consagrado uma figura da modernidade.

Segre diz na introdução que *Este livro surgiu da paixão individual e coletiva pelo edifício do Ministério da Educação e Saúde – MES, atual Palácio Gustavo Capanema*¹². Depois admite que o livro resulta de uma admiração pelo Rio de Janeiro que começou na sua tenra juventude e, em seguida confessa *um relacionamento subliminar*

¹² Segre, Roberto. *Ministério da Educação e Saúde, ícone urbano da modernidade brasileira*, p. 30

... com dois personagens essenciais de nossa arquitetura, primeiro com *Le Corbusier* e depois com *Oscar Niemeyer*.¹³ A longa trajetória de crítico e historiador da arquitetura moderna e a consagrada importância do edifício teriam permitido justificativa mais objetiva para a escolha do tema, mas Segre preferiu começar o texto declarando suas paixões.

¹³ *ibid*, p. 40

Nas duas semanas que antecederam o seu falecimento ele estava transbordante de contentamento com os originais eletrônicos do volume. Ele parecia reconhecer que esse seria seu escrito mais importante. *Este é o grande livro da minha vida* – repetia aos amigos e colegas que encontrava no corredor da faculdade.

Concentrado num edifício singular, ponto nodal da arquitetura moderna mundial, esse texto trama uma rede de relações com a arquitetura brasileira e do globo, com um conjunto complexo de textos, conceitos críticos e personagens somente possível por causa da estatura intelectual de Segre, pela sua rígida disciplina de trabalho e pelas suas habilidades de líder. Tudo isso devia estar fervilhando em suas artérias ao contemplar a boneca digital da nova obra e imaginá-la pronta.

Depois de explorar o mundo para entender arquitetura moderna, Segre se concentrou em um objeto singular complexo. Ele podia finalmente apalpar o mundo olhando para um artifício representativo. O volume não seria *o grande livro da minha vida* apenas por ser sua obra prima, mas porque ele conseguira pôr toda a sua vida profissional em um livro.

Mais do que uma resenha convencional que pretenda ajudar o leitor a se aproximar do livro, este texto é uma preito saudoso destes seus dois amigos e quer expressar a homenagem da revista *Thésis* ao grande professor e historiador.